

Uma componente imerecidamente esquecida, e por isso aqui estou a relevar essa falta, foi o cuidado com que se dedicou à profusão das obras de engenharia. Para isso fundou a revista *ELECTRICIDADE*. Não é comum encontrar-se uma pessoa ocupada com questões tão importantes para a sociedade que dispense parte das suas energias vitais na instituição de uma infra-estrutura de apoio à difusão das grandes com-

ponentes tecnológicas do exercício profissional. Mas isso aconteceu.

Para que conste aqui se reproduzem as palavras impressas na origem, no chamado Número de Apresentação da *ELECTRICIDADE* (que se costuma designar por Número zero).

Sem comentários, porque prefiro entregar as geniais declarações à reflexão na sua pureza nua. ■

Electricidade

APRESENTAÇÃO

A bibliografia técnica portuguesa tem sido sempre escassa — ainda quando cotejada no seu valor relativo ao número modesto dos habitantes ou à parcela da população activa dedicada a mesteres industriais. Dessa escassez, triste como chão maninho, emergem dois pontos singulares, exemplos saudáveis de constância a merecer uma palavra de apreço: as revistas dos estudantes das nossa duas escolas de engenharia. Pela perseverança com que sucessivas gerações recebem e transmitem, como dever que não se quer quebrar, a continuidade da obra, se lhes dirige uma lembrança de simpatia.

O alheamento em que longo tempo vivemos, acampados nesta esquina da Península, da maré de renovação industrial que encheu o centro da Europa no século passado fruto do apego mais sentimental que razoável, ao exclusivismo agrário que dominou o pensamento económico português até há poucos lustros, explica, por si só, a carência de literatura sobre temas de engenharia. Onde há pouca indústria ou indústria de pouco nível, não há quem escreva nem de que se escreva.

Acresce que entre nós e com excepções muito raras, os cultores da técnica não mostram empenho de cultivar com igual esmero e zelo o campo das Belas Letras ou, mais humildemente, o campo das Boas Letras, ainda que não sejam Belas. Esta pendente es-

piritual — melhor se dirá, esta falta de pendente — se não é vício da Escola, que exige perícia nas contas mas aceita como bons textos de bárbara sintaxe, será apenas o resultado da falta de tradição, com seu natural e duradouro atraso do efeito em relação à causa. Com uma outra origem — quando não com as duas — parece deformação a emendar; ter um pensamento útil, saber expô-lo e fazê-lo sem constrangimento é boa faceta no poliedro da cultura.

A última guerra, pelas dificuldades que nos criou e pelos exemplos que nos trouxe de fora, arejou a economia portuguesa; e algumas ideias de expansão industrial que viviam envergonhadas, por audaciosas, em meio excessivamente conservador, encontraram ambiente favorável, simultaneamente, na aceitação do Estado e na simpatia da Nação. Ocasão oportuna e necessária para melhoria da actividade editorial técnica — esta, por sua vez, oportunidade e estímulo para se dar a saber o que se pensa e estuda. E para que realmente se saiba, melhor é escrevê-lo que dizê-lo.

Desta mutação nasceram até agora as publicações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e o «Boletim de Normalização»; sobretudo as primeiras, pelo seu carácter criador em matéria de Ciência Aplicada, constituíram entre nós alguma coisa de novo e de bom.

Mas abraçando campos restritos, os casos apontados não podem resolver satisfatoriamente o problema português; outros domínios aguardam a sua hora.

*

Quando, em Julho de 1954, uma delegação portuguesa se deslocou ao Brasil para tomar parte na Conferência Mundial da Energia, reunida em Petrópolis, quadro inédito e grande se apresentou aos olhos dos delegados. Terra quase sem fim, onde só o avião consegue dominar as distâncias; rios caudalosos, cujas possibilidades hidroeléctricas excedem de longe a nossa escala habitual; montanhas onde, por fora, o sol renova espontaneamente a floresta e, por dentro, o minério de ferro se oferece generoso em quantidade e pureza; gente, a roçar pelos 60 milhões, a desenvolver vasto programa de fomento económico, a fervilhar ideias de progresso e grandeza, a falar português e a apregoar alto, até nos discursos oficiais da Conferência, a sua raiz lusitana.

Mas à atenção dos delegados revelou-se também que estes milhões, que sentem como nós, que têm os nossos defeitos e as nossas virtudes, que conhecem e admiram a História e a Literatura de Portugal — que também lhes pertencem — desconhecem o estado da nossa técnica, tão inteiramente como nós desconhecemos o da sua. Não há que recriminar mas que verificar

este isolamento, que ambos ganharíamos em romper; nos caminhos do pensamento específicos do último século, o Atlântico mais nos tem separado do que unido.

Haviam-se preparado os Portugueses, à partida, para mostrar aos Brasileiros os progressos da electrificação lusitana arrumando no canto da mala algumas estatísticas do Repartidor Nacional de Cargas e fotografias das principais obras; iam ufanos de levar mercadoria de bom toque mas suspeitosos de não ser bastante a diversidade do artigo.

Pronto notaram o fundado da suspeita; para satisfazer quanto lhes era pedido, faltava-lhes uma publicação regular, que expusesse com continuidade as doutrinas, os estudos e as obras que dão alma e corpo à nossa lida electrificadora.

Deste embaraçoso — último estímulo a decidir uma aspiração latente — nasceu, no Rio de Janeiro, a ideia de criar uma revista da electricidade portuguesa — que os progressos desta parecia permitirem e a sua divulgação parecia aconselhar. Exposta a ideia em Lisboa às empresas de produção, transporte e distri-

buição de energia, logo estas a aceitaram sem reservas; e convidados os fabricantes de material a dar a sua colaboração, muitas adesões se registaram. Ao todo, 26 sociedades se reuniram para constituir a EMPRESA EDITORIAL ELECTROTÉCNICA EDEL, LDA., com o objectivo de editar ao público interessado este número de apresentação.

A actividade da EDEL, sem fim lucrativo, é um encargo que os seus dirigentes tomam com a finalidade — a bem da Nação — de avolumar a nossa messe bibliográfica e de dar a conhecer a Portugal e ao resto do Mundo — especializando o Brasil — o que vale e como se conduz a indústria eléctrica portuguesa, nos ângulos da sua economia e nos refulgos da sua técnica.

E porque esta revista é uma necessidade portuguesa e, moralmente, uma exigência brasileira, que os Portugueses se sentem obrigados a satisfazer e honrar, só nos seria grato que os Brasileiros quisessem, pela sua colaboração, alargar os limites do nosso programa.

J. Ferreira Dias

REPORTAGEM HOJE

A Revista ELECTRICIDADE no ENDIEL 91



Uma presença amiga e estimulante no ENDIEL 91: o stand da Revista ELECTRICIDADE

A participação deste ano no ENDIEL deu-nos a oportunidade de mostrar às novas gerações uma revista técnica em renovação.

Foram muitos os jovens profissionais que se interessaram em receber as nossas páginas, para além daqueles que já há bastantes anos aproveitam a oportunidade para satisfazer os respectivos compromissos com as Assinaturas.

Mas desta vez, certamente como sinal da mudança dos tempos, outras notas merecem ser registadas: a apetência por diferentes empresas em inserir nas nossas edições informações actualizadas através de textos técnicos, dos seus produtos, quer quer por meio de anúncios.